



SERÕES INTERGERACIONAIS

SERÕES INTERGERACIONAIS

Projeto "Caminhos de Igualdade"

Entidade Promotora



Associação Juvenil de Deão – AJD

4905-254 Deão – Viana do Castelo

Contactos:

TLF. 258 730 653

TLM. 926 788 375

e mail: assocjuvenildeao@gmail.com

Blog: assocjuvenildeao.blogspot.com

Também somos



Entidades Parceiras Envolvidas

- Aldeia Global - Associação de Desenvolvimento Local
- Associação Cultural e Recreativa de Deocriste
- Associação Desportiva e Cultural de Santa Maria de Geraz do Lima
- Associação Desportiva e Cultural e Social de Subportela
- Associação para o Desenvolvimento de Santa Leocádia
- ADERE - Associação para o Desenvolvimento dos Recursos Endógenos de Vila Franca

Entidade Avaliadora

INIAUDAX - Associação de Apoio ao Empreendedorismo e às Empresas Familiares
Edifício ISCTE
Avenida das Forças Armadas, 1640-026 Lisboa
Tel. 21 790 32 76



Financiado por



Serões Intergeneracionais

Histórias de mulheres: narrativas de vida nas freguesias rurais de Viana do Castelo, do Estado Novo ao século XXI

Atividade realizada no âmbito do Projeto
“Caminhos de Igualdade”

Ficha Técnica

Título

Serões Intergeracionais. *Histórias de mulheres: narrativas de vida nas freguesias rurais de Viana do Castelo, do Estado Novo ao século XXI*

Conceção e redação

Cláudia Múrias

Revisão

Ana Paula Dias e Rogério Roque Amaro

Equipa do projeto

Ana Paula Dias, Cláudia Múrias, Hugo Fernandes,
Hugo Rodrigues, Rubina Jassat, Sara Freire

Capa

Hugo Fernandes

Execução gráfica

Publito, Artes Gráficas - Braga

ISBN

978-989-99059-0-0

Depósito legal

377122/14

Tiragem

250 exemplares

1.ª Edição

Edição: Associação Juvenil de Deão - AJD
Caminho da Igreja, n.º 459 | 4905-254 Deão
Viana do Castelo

assocjuvenildeao@gmail.com
assocjuvenildeao.blogspot.com

Janeiro, 2014

Melodia à mulher do campo

Ela sonha, coordena, realiza
Silenciosa, discreta, abnegada
A tarefa irreversível que a espera
Na entrega permanente e dedicada

Ela salta da cama pressurosa
Põe ao lume a primeira refeição
Acorda com carinho os mais queridos
Quebrando lentamente a escuridão

Dá um toque aos que estão para sair
Aos animais corre a dar o bom dia
E mesmo com o coração chorando
Ela canta a dor de cada dia

Ela lava, limpa e decora
Dá à casa um tom de alegria
Compõe em notas suaves
O segredo da paz e da harmonia

Faz o almoço, arruma a cozinha
Vai às couves, à comida do gado
Corre fresca, veloz, diligente
Ela prima, tem tudo cuidado

Sacha a horta e rega o jardim
Ela cava, semeia e planta
Com mão de fada encantada
Com arte e prodígio de santa

Cose a roupa, passa e arruma
Põe tudo no seu lugar
A tudo dá o encanto
De quem está a rezar

E se o pão falta na mesa
Vai preparando a fornada
Tira o pão fresco do forno
Com alma renovada

Desce o sol e ouve as horas
Vai levar o leite ao posto
Vem e acaba a ceia
Faz tudo com muito gosto

Os momentos agitados de dor
Ela guarda serena na alma
Recorre ao Senhor dos Aflitos
E consegue a bonança e a calma

Queria ter arte de musa
Ou cantar como a cotovia
Para te dedicar minha fada
A mais bela melodia

Maria Engrácia Correia

O papel da mulher nos dias de hoje...

Emancipou-se, mais que a nível físico, a nível emocional. A mulher tradicional vivia direcionada para as tarefas domésticas, a gestão do lar e os cuidados à família, tendo nos últimos anos conquistado a possibilidade de se autodescobrir e explorar como ser individual e único.

Esta emancipação ocorre todos os dias na Mulher, independentemente de esta ter ou não uma profissão e da sua idade, emancipando-se do conceito vulgar de família e da sociedade em redor. Hoje em dia a Mulher é um ser individual, que opta e escolhe, tendo deixado de se ignorar em detrimento dos demais.

A partilha da gestão das tarefas domésticas e da gestão da família e o enveredar por uma profissão criaram condições de mobilidade e disponibilidade emocional para a mulher alargar o seu perímetro de ação e intervenção social e profissional.

Contudo algumas vezes esta emancipação ocorre de modo controverso e desproporcional, gerando desequilíbrio na estrutura e coesão das relações interpessoais e familiares, denegrindo a imagem da emancipação e do papel atual da Mulher na sociedade.

O homem e a mulher são seres distintos, com aptidões físicas e emocionais, que foram evoluindo ao longo do tempo e readaptando-se ao meio em que vivem, que se complementam entre si mas que não se substituem nem anulam.

A Mulher de hoje desenvolveu a sua independência, reorganizando o seu papel de matriarca, gestora e intervenção no equilíbrio da família que optou ter.

Célia Meira

Introdução

Após um autodiagnóstico organizacional para a Igualdade de Género que permitiu reconhecer as desigualdades e os problemas sociais de exclusão e de discriminação social existentes na área geográfica da Comissão Social Interfreguesias Vale do Lima Sul e do Agrupamento de Escolas de Arga e Lima, território de intervenção da Associação Juvenil de Deão – AJD, associação sem fins lucrativos que luta pelo desenvolvimento local, procedeu-se à elaboração de um projeto de intervenção comunitária amplo – o Projeto “Caminhos de Igualdade” – para integrar a perspetiva da igualdade de género neste território.

O Projeto “Caminhos de Igualdade” foi promovido nas freguesias rurais de Viana do Castelo, entre julho de 2011 e janeiro de 2014, ao abrigo do Programa Operacional de Potencial Humano (POPH), tipologia 7.3 – Apoio Técnico às Organizações Não Governamentais, gerido pela Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género (CIG).

Esta publicação constitui um dos produtos do Projeto, contribuindo simultaneamente para sensibilizar a comunidade e disseminar os resultados do trabalho desenvolvido. Corresponde à atividade Serões Intergeracionais, na qual, através de momentos de conversa e partilha de histórias de vida entre avós e netas, pudemos percorrer os caminhos percorridos por estas mulheres das freguesias rurais de Viana do Castelo, nomeadamente de Deão, Subportela, Vila Franca e Santa Maria de Geraz do Lima. Na organização desta atividade a Associação Juvenil de Deão contou com o apoio da Associação Desportiva, Cultural e Social de Subportela, da ADERE – Associação para o Desenvolvimento dos Recursos Endógenos de Vila Franca e da Associação Desportiva e Cultural de Santa Maria de Geraz do Lima.

Os Serões Intergeracionais foram organizados no intuito de captar o impacto das mudanças geracionais ocorridas ao longo do último século, nas representações sociais de género e nas práticas quotidianas de mulheres de freguesias rurais de Viana do Castelo.

Em Portugal, o Estado Novo, tal como outros regimes políticos da época, procurou divulgar uma imagem de subalternidade das mulheres através da socialização da diferença, com a imposição de estereótipos sexuais rígidos e discriminatórios da mulher, dando centralidade ao papel de mãe de família enquanto agente estruturador da ideologia do Estado. Desta forma, legitimou na sociedade uma estrutura de crenças, atitudes e práticas socioculturais e institucionais preconceituosas ou de discriminação, que privilegiaram o “masculino” e enfraqueceram “o feminino”, tendo denegrido os valores e os papéis de género tradicionalmente associados às mulheres.

Atualmente, após 40 anos da revolução democrática – 25 de Abril de 1974 – que implementou a igualdade formal entre homens e mulheres, os sinais de discriminação de género permanecem evidentes no trabalho, na vida política e na família.

Os Serões Intergeracionais contaram com a presença de 38 mulheres – 17 avós e 21 netas – situadas historicamente em diferentes contextos económico-sociais – avós nascidas entre 1926 e 1955 e netas nascidas entre 1965 a 2001 – mas em semelhantes contextos familiares. Através de cinco momentos de conversa – ocorridos entre junho de 2012 e abril de 2013 – foi possível mobilizar um fundo de contos, estórias e tradições – que se foi renovando constantemente na medida em que as pessoas se revezaram ao longo do tempo no exercício da palavra – associado a estas mudanças sociais. Estes momentos de partilha de histórias de vida entre avós e netas permitiram o reforço dos laços intergeracionais. O tamanho dos grupos variou entre 5 e 9 elementos e as conversas foram moderadas por uma facilitadora, que alternadamente foi colocando questões exploratórias do trajeto de cada uma das participantes, e duraram aproximadamente 3 horas.

Da análise e problematização destas histórias de vida, resultou a organização dos discursos por quatro perfis de vivências: as mulheres nascidas na consolidação do Estado Novo: avós nascidas entre 1926 e 1945 – faixa etária entre 90 e 70 anos; as mulheres nascidas pós-Segunda Guerra Mundial: avós nascidas entre 1946 e 1955 – faixa etária entre 69 e 55 anos; as mulheres após a Revolução de Abril: netas nascidas entre 1965 e 1978 – faixa etária entre 50 e 35 anos; as mulheres no início do século XXI: netas nascidas entre 1980 e 2001 – faixa etária entre 34 e 12 anos.

Quanto ao conteúdo, os discursos foram organizados em duas grandes categorias: os estereótipos e a educação e os papéis sociais e a conciliação. Dentro destas, destacam-se ideias como a domesticidade da mulher, condicionadora da escolarização e da vivência da sexualidade; e a maternidade que, associada ao parco desenvolvimento económico das zonas rurais, foi fator condicionador de uma atividade profissional repleta de obstáculos e desafios, nomeadamente de conciliação de tempos e de espaços de vida.

Assim, partindo das histórias, verificou-se uma revolução na vivência da sexualidade destas diferentes gerações de mulheres. Contudo o estereótipo de delicadeza, docilidade, submissão ou gentileza feminina continua a ditar as expectativas comportamentais das mulheres, logo, continua a influenciar os papéis sociais da maternidade e domesticidade, acabando por constituir um obstáculo significativo a uma negociação entre homens e mulheres que permita a construção de um contrato social de género mais igualitário, mantendo assim as condições sociais e simbólicas que reproduzem a assimetria entre homens e mulheres na família e no mercado de trabalho.

As mulheres nascidas na consolidação do Estado Novo

Quem são estas avós?

Nascidas entre 1926 e 1945 (faixa etária entre 90 e 70 anos)

Cinco destas avós são casadas, duas são viúvas e uma é divorciada. A maioria possuiu a escolaridade básica obrigatória ao seu tempo – duas têm o 3º ano e quatro têm o 4º ano de escolaridade. Apenas uma concluiu o 9º ano de escolaridade durante o tempo em que esteve emigrada e outra concluiu os estudos superiores. Sete estão reformadas, apenas uma se diz doméstica.

Os estereótipos e a educação

A domesticidade da mulher e a dificuldade em estudar...

O estereótipo da domesticidade, associado às dificuldades económicas das famílias, dificultou a permanência na escola para além da parca obrigatoriedade. Também a restritiva disciplina vivida na sala de aula, própria de uma escola punitiva e castradora, pouco promotora de aprendizagens ou de auto-realização, constituiu-se enquanto fator desmobilizador da prossecução da escolaridade:

“A escola normal era a 1ª, 2ª, 3ª e 4ª classe e a admissão [...] Quando fui para o Porto tinha 10 anos. E então acontece que essa minha tia, que aliás fez-me muito bem, ensinou-me a fazer de tudo, a fazer renda, a limpezas, portanto eu é que fazia... eu era uma criada autêntica, limpava a casa, fazia tudo e depois no fim ela tinha uma lojinha de coisas p’ra escola... papelaria... ensinou-me a apanhar meias, apanhar malhas nas meias, eu então atendia os fregueses, apanhava as malhas lá nas meias e à noite ia p’ra casa, p’ra ajudar a minha tia a fazer o jantar e aquelas coisas assim, normais. Eu achava normal, mas sentia-me indignada porque eu quando fui para lá era para continuar os estudos. [...] ‘Tive na costura até aos 17 anos, aos 17 anos entregou-me no hospital de Santo António e inscreveu-me para tirar o curso. Mas só podia tirar o curso, com 18 anos. Portanto, estive de empregada em quartos até fazer os 18 anos, depois comecei o curso, tirei o curso...”

“Eu estudei até à 3ª classe aqui, nesta sala e fiz a 4ª classe naquela sala porque éramos só duas raparigas, lá vai a igualdade de género. As raparigas não precisavam de estudar não é... Eram obrigadas a ir até à 3ª classe, depois não... eu fui para a 4ª, tinha-se

de fazer exame a Viana, na Avenida, exame da 4ª classe e depois a professora perguntou “e agora para onde é que ela vai, vai para casa?” “E para onde é que havia de ir”, perguntou a minha mãe. “Se ela tiver uma mãe como tu devia continuar a estudar” disse a professora à minha mãe... a minha mãe não sabia, ficou assim... e eu fiquei em casa, ia com as vacas fazer o que era preciso. Detestava aquilo, agora gosto do quintal mas detestava, eu queria estudar, gostava de ler, gostava de aprender... A perspectiva era trabalhar, fazer as coisas em casa... que é que as mulheres faziam aqui? Trabalhavam no campo e faziam o trabalho de casa”.

“Mas depois também tinha a minha mãe que precisava muito de mim, e pedia às professoras para me dispensarem da escola para ir com ela para o campo, para ir para aqui, para ali, no trabalho, as professoras naquela altura dispensavam-me... tinha mais horas de andar a trabalhar do que de escola. Eu depois na escola, as professoras nesse tempo também eram más, batiam mais do que aquilo que ensinavam, e tínhamos medo. Então é que não aprendia nada, com o medo que tinha delas. Batiam muito naquele tempo.”

A virgindade, a submissão e o duplo padrão da sexualidade...

O duplo padrão da sexualidade, com a norma social da virgindade e submissão feminina, constituiu-se enquanto limitação para a vivência da sexualidade e o usufruto de direitos sexuais e reprodutivos:

“Eu se disser que nunca dei um beijo antes de casar, ninguém acredita. Eu já sabia o dia em que ia casar e recusei beijar o meu marido. Para mim aquilo era... um bicho de sete cabeças... E mesmo naquele tempo... eu também tinha, eu era muito... como é que hei-de dizer... eu era sozinha de raparigas e os meus pais também me prendiam muito, nunca me deixavam ir a lado nenhum, eu nunca fui a uma festa, nem na nossa terra fui às festas, eu podia chorar, podia guinchar, nunca me deixavam.”

“[...] Naquele tempo não podia ser! Nós éramos três filhas, três irmãs e dois rapazes e o meu pai dizia assim “se vocês fizerem do casamento como fez a vossa mãe, faço-vos tudo” – como fez. Se vocês me envergonharem” – envergonharem era ter relações em antes de casar – “a vossa mãe faz aqui uma sopa de feijão miúdo...”

“Tive moças com 16 anos e 17 que vinham ter comigo, conversavam e eu dizia-lhe olha e a tua mãe sabe disto, sabe daquilo? “Não!” Então, debes falar com ela. Adiante, as mães vinham com elas ao médico e não sabiam sequer se a filha já era menstruada ou não era menstruada. Então você não falou com a sua filha? “Não, disse à mais velha p’ra falar com ela!” Mas você é que tem que falar com ela, é que tem de a chamar, porque se acontecer alguma coisa você é a responsável. “Ai, não me diga isso!”

“E eu queria um casamento pela Igreja, porque se eu me quisesse juntar, eu podia-me ter juntado com um francês com uma boa situação, mas eu não queria. Eu queria um casamento verdadeiro, na Igreja. Nunca estive junta com ninguém, nunca me juntei com ele.”

“Atendi muita gente em todo o sentido da palavra, mulheres casadas que não conseguiam realizar o seu ato sexual, sentiam-se frias... Assim como aquelas que eram maltratadas pelo marido e então discutiam “ah, porque ele fez-me isto, fez-me assim, fez-me assado, e serviu-se de mim desta maneira, e serviu-se de mim daquela maneira”, oh filha! Porque era o caso de chegarem bêbedos a casa... e eu quero, estivesse como estivesse, nem que estivesse menstruada. E se não queriam ainda apanhavam.”

Os papéis sociais e a conciliação

A difícil atividade profissional...

A domesticidade das mulheres não impediu que as avós, por motivos de sobrevivência económica, tivessem mantido uma intensa atividade profissional, repleta de dificuldades e obstáculos:

“Eu cheguei a fazer pensos em que atravessava o quinteiro, onde estava o porco, galinhas e as próprias vacas saíam por ali [...] Passei muito, porque isto “tava muito atrasado [...] O meu primeiro centro de saúde, trabalhei com um médico de Ponte de Lima, que era na casa da... [...]. Havia um quatinho pequenino onde eu fervia as seringas, mas tinha que ter cuidado onde punha os pés porque havia buracos, o chão era de madeira e eu tinha que ter cuidado onde punha os pés.”

“Sou filha de uma mulher solteira e estava com a minha mãe e os meus avós e ‘tive a criar a minha menina até uma certa idade até que a fome era tanta que um dia pensei... vou p’ra França que aqui morro de fome. [...] Nos primeiros tempos que trabalhei, tinha quatro crianças, já estava em Targus, empreguei-me nuns senhores que tinham uma leitaria [...] eu falar não sabia, mas já compreendia, apanhei-me com os papéis e disse vou à minha família. Já soube dizer em francês que queria vir a Portugal. Porque agora fala-se muito francês, mas naquela altura nunca tinha visto uma palavra francesa. Não se ouvia. E disse “Vou a Portugal!”, mas num vim nada, já tinha outro patrão p’ra ir.”

“[...] Depois casei e vim p’ra cá, foi a trabalhar na lavoura com o meu marido. O meu marido era da lavoura... pronto, trabalhava na lavoura e ao fim de semana fazia as coisas em casa. Limpava a casa e depois no domingo era sempre a cozinhar, eu é que fazia tudo ao domingo e a minha sogra era todos os dias à semana. Nós vivíamos em casa dos meus sogros. E a minha sogra cozinhou sempre. Só esteve 3 meses antes de morrer que não cozinhou. Só 3 meses! Mas enquanto andou a pé cozinhou ela sempre, todos os dias, só que ao domingo era sempre eu. Ela ia à missa do dia e eu ia à de manhã. Vinha, fazia tudo em casa, depois se quisesse ir... à casa dos meus pais ia. E pronto, e foi sempre a trabalhar toda a vida! E de solteira era mais numa mercearia que tinha o meu pai. Estava na mercearia tinha um escadório p’ra cozinha e fazia o comer e atendia os fregueses. E nas horas vagas e quando apertava o trabalho no campo ficava o meu pai

na venda, e ia eu, íamos todas p'ró campo, nós éramos quatro irmãs, quatro e a minha mãe... pronto, íamos trabalhar."

A difícil conciliação entre tempos de vida...

Num tempo em que o trabalho não estava separado das atividades domésticas, a conciliação era feita através da gestão das horas passadas entre o campo, a lavoura, a cozinha, a casa, o quintal, a loja e a ajuda imprescindível no apoio às crianças dos sogros, das sogras, das vizinhas e das madrinhas:

"Às 6 da manhã eu pegava no pão, metido na cabeça, e lá ia eu, às 8 horas, vinha preparar os filhos para os mandar para a escola, depois pegava no cesto ia acabar o resto da volta. Depois passado 3 ou 4 anos, era um carrinho. Punha-me a pé, levava o carrinho, levava as vacas para a ordenha, fazia tudo. Punha as vacas na ordenha [...] e depois as vacas ficavam lá e a empregada se tivesse vaga e eu chegava ali só pegava nelas e... depois ia p'ra casa fazia a comida e lá ia eu com a sachola pr'aqui ou pr'acolá. Quando tinham 6 anos andavam sempre atrás de mim, quando dava por ela, já estavam atrás do cesto, o cesto virava... ela andava atrás de mim, levava-os comigo p'ra trabalhar, que remédio tinha. E era assim que eu fazia. Os rapazes pequeninos... às vezes, chegava a casa e só encontrava o berço... A madrinha deles quando chegava a casa, às vezes ia buscá-los a minha casa, era vizinha, só passava o muro. Eu chamava, oh Clara!, oh meninas!, está aqui!, está a dormir!, a minha porta ficava sempre aberta, outras vezes tinha um buraco por baixo da porta e eles fugiam por baixo da porta. Quando vinha de ir buscar água aos vizinhos, porque nós não tínhamos poço, andava no coador, pegava nele ao colo e atava à perna da mesa para ele não fugir. Pronto, era assim."

"Aqui casei, dali a 5 meses engravidei. O meu marido tinha uma mercearia, fechou, foi p'ra França. Andou na França, 7 anos, vinha e ia. E depois o meu marido, no final veio definitivamente, empregou-se aqui na (...) a minha casa é pegadinha, abrimos ali um negócio, o meu marido a trabalhar e eu na loja, no negócio. E os filhos escola. Vivíamos com os meus pais. Foram criados como reis e uma rainha. As minhas irmãs pensavam que aquilo eram os brinquedos. Depois, abri a loja, foi o mais difícil, que ele ia trabalhar, ficavam na loja, depois iam p'ra escola, fazer as compras, meter uma empregada... claro havia muito movimento... demorei um bocadito, mas também era nova quando casei! Casaram, saíram, 'tou com o homem. O que vale é que ele é dos homens que não vai ao café, num quer, toma um café... 'tá por casa, limpa-me o pó, ajuda-me. Anda sempre com a vassoura na mão. Cá fora e dentro de casa. Sempre."

"Trabalhei 37 anos aqui no centro de saúde, fui mãe de quatro filhos a trabalhar o tempo inteiro aqui no centro, tinha deslocações para Darque, nos fins-de-semana e para Viana, quando ia p'ro SAP, urgência, e assim tive 37 anos. Ao fim de 37 anos fui para a reforma, sinto que estou uma mulher realizada, tentei ajudar sempre que me pediam qualquer coisa, eu só não fazia se não pudesse e vi muita miséria, muita miséria mesmo..."

As mulheres nascidas pós-Segunda Guerra Mundial

Quem são estas avós?

Nascidas entre 1946 e 1955 (faixa etária entre 69 e 55 anos)

As avós desta faixa etária possuem na sua maioria o 4º ano de escolaridade – sete têm a escolaridade básica e apenas uma frequentou estudos superiores. Seis das avós são casadas, sendo uma viúva e outra divorciada. Três são domésticas, outras três estão reformadas e duas avós estão no ativo. Estas últimas têm por profissão serem pequeno-comerciantes ou trabalham na restauração.

Os estereótipos e a educação

A domesticidade da mulher: do campo às modas e bordados...

Se a economia de subsistência chamava as mulheres para o trabalho no campo, a escola do Estado Novo institucionalizava a separação dos sexos no ensino e preparava as mulheres para os labores femininos, as virtudes domésticas e a abnegação:

“Os meus pais é que iam pedir à professora porque precisavam de mim para o campo. Eu com 8 anos já ia trabalhar com eles para o campo. [...] Era eu, os animais e a sachola. A sachola também. E até cheguei a andar com o arado a lavar, e a sachador ali a sachar o milho para depois andar com a sachola. O meu pai sulfatava e eu andava com o arado e a lavar. Era pequena mas toda a gente ficava admirada como eu agarrava ali ao arado como um homem. Depois, quer se dizer, quando era o dia de ir lavar que não havia as máquinas, lavar a roupa tinha que se ir ao rio, eu era sempre a que ia para o rio lavar.”

“Era os meninos numa escola e as miúdas noutra. E era uma escola de manhã ao meio-dia. Andei até à 4ª classe, depois ainda fui fazer a admissão a Viana, porque o meu pai ‘tava no Brasil naquela altura e ele dizia que me punha a estudar. E afinal fui fazer a admissão e depois não continuei porque ele não pagou. A minha mãe era costureira e eu comecei a costurar, a trabalhar com ela... bordava!”

“Fui para a escola e fui mais feliz que vós, que eu tinha rapazes na minha sala... nós aprendíamos de tudo e brincávamos de tudo, e tínhamos aquecimento porque tínhamos a lareira a arder. Tínhamos uma empregada que fazia a sopa, tínhamos uma cantina, tínhamos óleo de fígado de bacalhau, tínhamos pãozinho, broa cortadinha às fatias para acompanhar com a sopa quentinha e tínhamos um pãozinho que o padeiro ou a padeira

vinham com um cesto, com um saco à cabeça e deixava-nos um pãozinho, pequenino, que nos chamamos hoje de biju, e que nos era servido sem manteiga, simples, e um copo de leite morno. Portanto, fui muito bem tratada na escola. Tive o privilégio de ser a quinta irmã, portanto havia mais cinco irmãos, mais velhos do que eu, e eu pedia-lhes ajuda e eles ajudavam-me, e aí eu já não levava erros. Brincávamos muito. Os rapazes com as raparigas e as raparigas com os rapazes... Uma coisa bonita que hoje não se faz que era cantar. As professoras vinham para o recreio e ensinavam as crianças a cantar, formávamos rodas e cantávamos as canções que as pessoas cantavam.”

“A minha irmã, ela só fez a telescola e depois os meus pais não podiam dar seguimento, ajudá-la, continuar a pagar estudos, as despesas eram muitas e o meu pai tinha muitos problemas, era doente e como elas dizem aqui naquele tempo não havia segurança social, não havia ajudas, e a minha mãe queria dinheiro para pagar os remédios e não tinha de onde ele vir e fazia por animais e vendia e vacas e touros, criava o gado novo e vendia, e porquinhos e galinhas e ovos e ia-se à feira e vendia-se aquilo para depois trazer tecido para fazer roupa p’ras filhas e naquele tempo não havia onde ganhar dinheiro.”

“Mas pronto, depois tive uma juventude também muito bonita, muito alegre, trabalhei também em bordados, bordados à máquina, bordados à mão, gostava muito. Eu gostava de bordar. Eu bordei socas, das socas de Viana, daqueles socos, chinelos de Viana, eu bordava aquilo, eu bordei aquilo, e fazia os aventais, fazia as saias, fazia as blusas, aqueles fatos, eu adorava, caprichava naquilo. Eu ainda hoje gosto dos bordados.”

As Madrinhas de Guerra: a virgindade, a submissão e a Guerra do Ultramar...

A manutenção do duplo padrão da sexualidade, com a norma social da virgindade e submissão feminina, permitiu a repressão sexual ao mesmo tempo que possibilitou o apoio aos valores ideológicos e políticas do Estado Novo através da criação da figura de Madrinhas de Guerra:

“Em jovens não trabalhávamos, não tínhamos tostão, vinha a Páscoa e nós só queríamos que viesse a Páscoa. Os moços – era o tempo dos moços andarem com amêndoas nos bolsos – e davam-nos amêndoas, mas íamos a uma festa, naquele tempo havia as festas, havia as senhoras que vendiam doces, nós era costume os moços darem-me um cartuchinho de doces. Era difícil aquele tempo. Depois a gente o que queria era casar e ir embora, não é? Porque aqui num havia mais futuro.”

“E vinham namorar, estávamos ali. Um bocadinho. Se viessem à noite, durante a semana não. Mas ao domingo vinham e por exemplo, vinham no fim do terço, que a gente ia ao terço, depois no fim vinham e estávamos uma hora, no inverno nem tanto, porque ao ser noite toda a gente recolhia.”

“A gente era assim... eu ainda tenho lá recordação de um álbum de namorados de rapazes que eu namorei. Guardei esse álbum. Porque o tema de ter um namorado era assim. Você ia a uma festa e os moços andavam todos a passear, p’ra trás e p’ra dentro e as moças igual

p'ra trás e p'ra dentro, passeavam. E depois eles metiam-se connosco, não é? Então metiam-se connosco, começavam a falar e tal e acompanhavam-nos até casa... chegávamos a casa e o primeiro tema era dá-me uma fotografia. Ele pedia logo uma fotografia.”

“Nessa altura já namorávamos por correspondência, mas não havia nenhuma declaração que não se podia namorar com mais ninguém. Então, eu namorava com os outros rapazes na mesma.”

“Só se deve contar tudo ao médico, porque de resto, a mais ninguém, nem ao padre. Porque há sempre qualquer coisa que nós temos que guardar para nós. Eu tive um namorado a sério, tive o meu marido. Um namorado com quem eu pensava casar. Assim como casei. Agora divertimentos, tive muitos. Porque eu também era... não queria estar sozinha. E hoje é meu marido. ‘Tava no Porto, trabalhava no..., e eu escrevia p'ro meu marido e depois tinha vários que escrevia p'ra divertir-me. Assim como naquele tempo havia os soldados de Ultramar, eu sou madrinha de guerra de muitos. Ora bem, eles estavam lá, havia tipo umas cartas, aerogramas e pronto... o colega mandavam as direções uns aos outros e pronto, eu escrevia para os ajudar a passar o tempo. Aquilo não tinha nada a ver com namorados. Namorados sempre fui com o meu marido e de resto era p'ra me divertir. Falávamos, livre de interesse. Beijos? Beije o meu marido de solteira.”

Os papéis sociais e a conciliação

As dificuldades profissionais durante a Emigração...

Com as dificuldades económicas sentidas em Portugal na década de 60, foi o fenómeno da emigração que possibilitou a melhoria das condições de vida destas mulheres através da sua própria entrada no mercado de trabalho ou através da figura masculina do ganha-pão, o marido provedor das responsabilidades familiares que sustentou o pagamento de pensões de sobrevivência:

“Consegui arranjar um trabalho num banco. E foi sempre a acolher os clientes. Não conseguia fazer um trabalho mais importante, mais interessante. Para fazer um trabalho mais interessante era obrigatório fazer um curso, mas fora do trabalho, e com três filhos e o marido a sair da casa e chegar à noite, não era possível.”

“O meu marido disse: “vamos casar e vou-te levar para França”. Em 71, quando lá cheguei, muito dura a vida, porque não tínhamos ninguém que nos desse a mão, havia poucos portugueses, agora por fim a vida era muito boa já. O meu marido já estava por conta dele. Eu depois fui logo para uma fábrica, trabalhei numa fábrica 20 anos, numa fábrica de lingerie onde trabalhavam portugueses, mesmo na fábrica era uma média de cem pessoas, adaptei-me bem e comecei logo a falar, a aprender, levou algum tempo, mas comecei logo a aprender a falar francês porque estava no meio de francesas, sabe como é. Mas... gostei muito.”

“Como fiquei viúva, por isso que eu disse que nunca me faltou... fiquei sem o marido, mas nunca me faltou nem família, nem os amigos, nem dinheiro. Fiquei com uma pensão de sobrevivência, para mim e outra para o meu filho que ele era menor. Depois, tentei sair de casa, tentei mudar de vida, ir ao encontro da natureza. Então comprei um trator pequeno e também fui para o campo. Ajudava os meus pais, e ia. O meu filho era bebé, punha palha, erva seca, fazia um tapete, um colchão, digamos assim, um amortecedor. Levava o meu filho dentro, um saco de merenda e íamos para o campo trabalhar. E pronto. Dedi-quei grande parte da minha vida, dos meus primeiros anos ao campo. Depois o trator era pequeno, comprei um maior. Mas aí comecei a ver que era um exagero, um trabalho muito duro e aprendi a lavrar a terra, tinha aquele capricho, aquele brilho de aprender a fazer tudo. Era capaz de ir trabalhar p’ros vizinhos às 4 da manhã, e claro não era por dinheiro, não era por nada, era um prazer. Mas depois comecei a ver que aquilo era um bocadinho tontice, não tava a distribuir muito bem o tempo e então arrumei com o trator e arrumei com o trabalho de campo. Eu nunca trabalhei... trabalhei com a minha irmã, ajudei os meus pais, naquele tempo na costura, nos bordados, já se ganhava muito dinheiro... E depois dediquei-me mais à companhia dos meus pais, entretanto eles ficaram velhinhos, e eu ocupava-me mais deles e ocupo-me, e vou fazendo ainda hoje um bocadinho de tudo. Tenho o meu terreno...”

As dificuldades de conciliação entre esferas de vida...

A ligação dos estereótipos femininos aos papéis sociais de género sobrecarregou estas mulheres com a dupla tarefa dos trabalhos domésticos e dos cuidados parentais. No geral, estas avós não partilharam a conciliação entre esferas de vida com os seus companheiros ou maridos, exceto algumas responsabilidades parentais de acompanhamento escola-casa quando estes assumiam a função de encarregados de educação. Por vezes, quando emigradas, a conciliação familiar implicou a ausência das crianças, pelo seu retorno a Portugal, para junto de familiares.

“O meu marido era soldador, e eu era empregada de limpeza, andava numa casa, andava noutra e... mas trabalhei muito e gostava [...] Levava-a para o infantário, deixava-a no infantário e eu seguia para o meu trabalho e depois o meu trabalho acabava à hora e ia buscá-la, e dava para chegar à casa, tinha uma cestinha atrás na bicicleta e punha-a na cestinha e chegava a casa na cestinha. E tinha que fazer, tinha que ter o comer para o meio-dia, porque o meu marido saía ao meio dia e a miúda depois às 2 horas tinha escola outra vez e eu às 2 horas tinha que começar o trabalho e o meu marido tinha que começar mais cedo. O meu marido estava melhor do que eu porque só atravessava a estrada [...] Para reuniões de escola era o meu marido que ia. No fim do trabalho, depois do fim das aulas da miúda, e o meu marido ia sempre... Porque eu chegava do trabalho e tinha que fazer o jantar, tinha os meus trabalhos a fazer e então era ele sempre que assistia a essas reuniões de escola. Para saber os comportamentos que tinha, as notas, se tinha bem e essa coisa toda.”

“Entretanto tive dois filhos... Quando a minha filha tinha 6 anos, pensámos em virem para cá para ir para a escola, então vieram os dois para cá, o meu filho tinha 3 anos e meio e a minha filha tinha 6 e vieram para cá, para a escola, olhe nem lhe digo nem lhe conto, foi tão duro a partir daí. Porque eu cada vez que ia para França, vínhamos cá... mas quando ia daqui p’ra França era muito duro, deixar os meninos e ir embora... mas a minha mãe também não queria ficar sozinha, depois eles estavam aqui na escola, onde eles foram crescendo e quiseram ficar aqui.”

“O meu marido estava a trabalhar fora e levantava-se cedo de manhã para chegar à noite. Como eu fazia? Quando eram pequeninos havia uma mulher que guardava crianças em casa dela. Era ir trabalhar e ir a correr à mulher que os guardava. E era muito duro! Essa parte, muito difícil, muito difícil, porque naquele tempo era muito difícil. Com as crianças pequenas e trabalhar... Levava os meninos a casa dela. Não havia creche. Já há 40 anos. Hoje não é igual. E depois quando saiam da escola, tinham que esperar até às 6 horas da tarde. Quando chego do trabalho, vou buscar as crianças. Iamos para casa todos.”

“O dia de França é levantar de manhã, madruga-se, trabalho, seja no que for, e à noite toda a gente recolhe e não há... passa por uma pessoa ou por outra e sempre a andar, não perde tempo como aqui... mas questão de sábado e domingo, pronto a gente ao sábado e ao domingo não trabalhava, sábado fazíamos a limpeza, as compras, ao sábado à noite lá geralmente a gente sai, mas agora, por último, a gente saía, e agora acho que também é assim, sábado à noite as pessoas vão sair, ao domingo não se convida ninguém, geralmente é ao sábado à noite porque ao domingo as pessoas já querem estar livres para depois se deitarem cedo.”

As mulheres após a Revolução de Abril

Quem são estas netas?

Nascidas entre 1965 a 1978 (faixa etária entre 50 e 35 anos)

A escolaridade das netas varia entre o ensino secundário – duas netas têm o 12º ano de escolaridade – e o ensino superior – duas possuem licenciaturas, sendo que apenas duas obtiveram o 6º e 9º ano de escolaridade. Uma neta encontra-se desempregada, outra é auxiliar de ação educativa, duas são cozinheiras, uma contabilista e uma técnica de informática. Cinco das netas são casadas, sendo que apenas uma é solteira.

Os estereótipos e a educação

A domesticidade, a autonomização e a dificuldade da escolarização...

O acesso à escolaridade obrigatória não constituiu um problema para estas mulheres, porém o estereótipo da domesticidade limitou a sua permanência na escola para além dessa obrigatoriedade. Por outro lado, a escola não conseguiu motivar as jovens raparigas, que muitas vezes, preferiam ingressar no mercado de trabalho, promotor de aprendizagem e de realização pessoal:

“Eu ainda sou do tempo em que havia telescola e do 5º, 6º, ainda foi cá na freguesia, que havia o 5º e o 6º na telescola, no 1º ano ainda, foi no ano, em que ainda era passada na televisão, na RTP. No meu 6º ano já não, já era gravações, eram padres que davam as disciplinas, dois padres, sete ou oito disciplinas, não sei, e no 7º é que já foi noutra escola, já fui para Darque. Até ao 9º. Depois ainda saltei p’ra Anha, p’ra fazer o 10º. O 11º e o 12º fiz em Viana. Porque houve ali entretanto umas mudanças de... o 12º ano, eu ainda fiz com três disciplinas, mas já havia escolas que estavam a fazer com oito ou doze disciplinas.”

“Eu dizia que queria ser mulher polícia quando era pequenita, pequenita já grande, as polícias até foi uma coisa moderna, não é? Há quantos anos é que se viram mulheres polícias cá em Portugal? Para aí há trinta... e quando era mocinha de 13, não. Quando na escola primária, porque a professora da primária quando me encontrava depois chegava a perguntar-me: “e então, quando vai ser mulher polícia?” E eu dizia isso, mas nem sequer passava pela cabeça ouvirem-me em casa, porque isso não fazia parte dos planos de uma rapariga cá da aldeia, ser mulher polícia e também se desvaneceu, porque como também não me davam asas para isso, se eu fosse rapaz tinha sido de certeza polícia... mas também não me afetou assim grande coisa, agora se calhar, tempos atrás tinha sido ótimo, eu tinha feito uma coisa que gostava e estava economicamente de certeza muito melhor do que estou hoje. Mas pronto, também tive oportunidades de outras coisas boas que se fosse mulher polícia não tinha feito... mas a igualdade de género nessa altura fazia diferença.”

“Fiz a escolaridade até ao 12º, depois não quis continuar a estudar. Porque entretanto, no 12º fiquei com a matemática para trás, pronto. Depois no ano seguinte comecei a fazer as disciplinas que me faltavam, só que entretanto arranjei trabalho, porque naquele tempo, em termos de trabalho havia muito trabalho, então os jovens arranjavam trabalho com facilidade, e quer dizer... aquela disciplina foi sempre ficando ali mais um ano, 2 anos... Dei aulas em..., foi precisamente no ano que abriu o agrupamento e eu apanhei um daqueles mini concursos, não me pergunte como, mas eu apanhei e dei aulas, no primeiro e segundo ano, quando o agrupamento arrancou. Só que entretanto, e continuava a fazer as disciplinas. Entretanto, casei-me, fiquei grávida, e os estudos pararam. Depois também dediquei-me ao casamento, dediquei-me ao filho, e fiquei por aí. Deixei o curso e hoje sinto pena... porque deixei um curso, em função de um casamento e dos meus filhos. Sinto-me frustrada nesse sentido de não ter continuado com os meus estudos, o meu curso. Porque eu tinha possibilidades.”

A delicadeza das netas e as relações de namoro...

Apesar da revolução comportamental sexual, que alterou por completo as relações de namoro, o estereótipo da docilidade, submissão ou delicadeza feminina constituiu uma limitação para a iniciativa da vivência plena da sexualidade, livre de medos e culpabilizações, e o usufruto de direitos sexuais e reprodutivos por parte das netas:

“Encontrei o meu marido na festa, ele encontrou-me a mim! Eu não queria nada com ele, mas ele todos os dias estava à porta e eu nada e a minha irmã, eu vivia com a minha irmã nessa altura, “oh repariga! O moço já está há uma hora à tua espera, vai ao menos falar com ele”. Não vou! E ele no outro dia já estava lá outra vez... tanto insistiu, tanto insistiu, pronto! Deu em casamento! Namorei pouco tempo, casei muito novinha! Se calhar casei porque também era uma menina. Porque se calhar não pensei que o casamento era assim tao importante. O meu marido, “oh, podíamos casar que assim vivíamos juntos, e não sei quê, não sei que mais...” e pronto... era uma coisa normal! Uma pessoa ilude-se e pronto casámos.”

“Eu tive aqueles namorados que se calhar para mim era a sério. Eu sofri muito daqueles amores, aquele primeiro namorado, aquela coisa, aquela ilusão, é este que eu quero, este namorado vai ser para toda a vida, acabou, pronto! Depois tive outro, começou... a minha mãe: “Rapariga, tu és como um rapaz a sair à noite, veste aquilo!” “Não é por sair com ele que eu vou vir de barriga!” E então, estava sempre a massacrar-me “sair à noite, a ir à festa, vais vir grávida!” Então, olha tinha aquele medo de ficar grávida, tinha sempre aquele medo, então eles vinham... “Vai, não! Senão fico grávida!”. Vinha um, adeus! Depois vinha outro, pronto, vai, vai com Deus. Vinha outro... Acho que os rapazes com a namorada, “se não abres as pernas”, vão, lá iam eles.”

“Eu era a mais nova, tenho três irmãos mais velhos. O outro a seguir a mim já não alinhava nisso, mas o mais velho alinhava, então eu encostava-me a ele. E a minha mãe, “não vais!”, E eu “vou com o meu irmão!” e pronto, ia com ele que era mais velho... Os cafés à noite estavam todos cheios, os amigos iam todos p’ro café. Juntávamo-nos no café. No café, quem tem carro, toca p’ra discoteca! Nós antes com os namorados, juntávamos os namorados, todos juntos, vamos p’ra discoteca, vamos p’ra praia, íamos aos grupos.”

“Eu namorei ao portão, como estava a dizer, e não vai assim há tanto tempo quanto isso, ele só entrou dentro de casa quando me pediu em casamento, portanto uns meses antes, 6 meses ou 8 meses antes, que antigamente pedia-se com 8 meses ou um ano de antecedência, agora também (risos)... e portanto não vai há tanto tempo quanto isso... Aliás, o meu pai só me deixou namorar quando eu fiz 16 anos, e até aí apanhava porrada se me viam com alguém... E quando andava de mota, que já foi passado muito tempo. E fugia.”

Os papéis sociais e a conciliação

As dificuldades profissionais num mercado em ascensão...

No contexto das transformações sociais que caracterizaram a sociedade portuguesa após a Revolução de Abril, as expectativas e exigências de igualdade permitiram às mulheres a entrada em pleno no mercado laboral, repleto de desafios e sobrecarga de trabalho:

“Eu nem sei o que é que fui... fui de tudo um pouco, fui doméstica, fui contabilista, fui secretária, eu fui de tudo um pouco e acabei por não ser nada. Dediquei-me à empresa, ajudar o meu marido na empresa, passei a estar em casa, dediquei-me à família e ao trabalho do meu marido, às ocupações mais burocráticas, era eu que orientava a parte da contabilidade, mas era tudo ali por casa. Portanto, o meu trabalho limitava-se àquele espaço. Só que depois chegou a um ponto em que as coisas ao nível de vida começaram-se a complicar e eu fiquei cansada de trabalhar juntamente com ele no dia-a-dia, de partilharmos sempre as mesmas tarefas e pronto, tomei outro rumo. Eu não estava motivada. Pronto! Também foi do nada, surgiu-me uma oportunidade de trabalho, foi para ir fazer uma temporada a uma empresa e eu aceitei. Arranjei trabalho e comecei a trabalhar [...] Depois fui operadora de caixa..., também ao longo de dois anos. Neste momento sou cozinheira, responsável de cozinha num lar e gosto daquilo que faço.”

“Estive num gabinete de contabilidade durante 4 anos, e depois saí, fui para uma empresa de construção civil, mas especializada na pedra natural. Entrei nesse ramo... e agora, hoje estou cá... numa empresa onde é tudo ao contrário, onde estou numa empresa portuguesa a trabalhar 100% para França. E não só, para o estrangeiro, onde todos os dias a minha língua não é o português, o meu trabalho é o francês. Recebo mails, os telefonemas, tenho que os atender em francês, ‘tôu a trabalhar para França, na minha língua materna que para mim é o francês. Eu nasci lá, foi a minha primeira língua, apesar de os meus pais em casa, ensinar logo desde pequenina o português. Tinha as duas línguas... Mas na escola era o francês. Nunca tive uma aula de português em França. O português que eu sei, foram os meus pais que me ensinaram. E depois com a ajuda dos meus primos, dos meus familiares, que me iam corrigindo os meus erros de português.”

“Estive em Braga, estudei, fiz lá o estágio, ainda dei formação lá e depois é que fui para o Porto e do Porto fui p’ra Gaia. No princípio estava a começar projetos, novos projetos, bastantes projetos e a precisar de gente e trabalho, horas de trabalho, sim, no início foi bastante trabalho, trabalhava, trabalhei, fiz muitas diretas, muitos fins-de-semana, muitos feriados só a programar, hoje já não, hoje, no último ano já abrandou um bocadito e tenho saído a horas do trabalho. E o trabalho em si... foi programação, depois estive também a gerir uma equipa dentro do trabalho, tinha que programar na mesma que era a única forma que tínhamos de conseguir cumprir as datas e o projeto em si, mas menos, era mais planeamento, definir tarefas e gerir a equipa. Em termos de horas de trabalho não acho que tenha sido mais, porque ficava na mesma até tarde, tinha outras responsabilidades,

mas o tempo isso ia dar ao mesmo que estivesse só a programar. Resolver problemas. Sim, havia problemas na equipa, tinha que gerir as pessoas em si, porque não é fácil, havia algumas que não se entendiam com as outras, tinha esse tipo de problemas e tinha os problemas de resolução de problemas nos clientes, além das tarefas que tínhamos de terminar, aquele desenvolvimento que tínhamos de fazer, tínhamos pelo meio os problemas que chegavam de clientes que tínhamos de dar resposta também.”

A maternidade e as dificuldades de conciliação entre esferas de vida...

Os estereótipos e papéis de género condicionaram a assunção das tarefas domésticas e parentais, como resultado as mulheres tiveram que organizar as suas prioridades para irem ao encontro das exigências de tempo provenientes da família, uma vez que os homens não assumiram a sua participação:

“Trabalho! Sempre trabalhei! Atualmente sou cozinheira. Quer dizer, faço um bocado de tudo, motorista... Ai, o meu marido partilha tudo! Eu limpo, ele suja... É assim, se às vezes eu saio p’ra um lado qualquer, deixo a louça por lavar, ele lava e varre a cozinha, mais nada e já é muito. Eu também prefiro que ele não faça porque não faz à minha maneira. Com os filhos pequenos, tinha tudo a sobrecarga...”

“Vós, tudo bem, tendes um horário de trabalhar. Eu sou uma pessoa de estar em casa todo o dia, é os rapazes, é a roupa, é a casa, é o jardim, é... vós chegais a casa, tomar banho e sentais, a mesa não tá pronta, mas não se põe mesa, não mexeis uma panela, o rapaz pode se sujar, o bebé pode cair, “Olha caiu!”, “Olha, eu não o deitei ao chão”, não tenho que ir eu. Mas há homens que acredito que sejam cinco estrelas em casa. O meu não é! Vai pôr a roupa a secar! “Achas que vou eu pôr a roupa a secar? As pessoas a passar ali na estrada e a ver-me a pôr a roupa a secar”. Nada! O meu sogro dizia “Ele cozinha!”, pois mas não aparece nada, veio p’ra cá, cortou! “Tenho mulher é p’ra isso”. Engravidai e fiquei por casa. É assim, tenho uma loja mas não é de horário de picar o cartão. Vai dando enquanto houver trabalho. É tomar conta do bebé, da casa, a comida, tenho o meu pai e a minha mãe, tenho um campo, tenho cabritas, tenho coelhos, tenho galinhas.”

“A filha agora já está na universidade e o rapaz já tem 14 anos. Mas ela muitas vezes vai trabalhar e deixa o miúdo com a irmã. É complicado [...] antigamente não, elas mesmo grávidas e iam trabalhar de noite, isso ainda me lembro [...] Mas é o que ela diz, a minha irmã não é minha criada. E realmente é verdade. Mas eles agora já facilitam mais um bocadinho.”

“Acho que nunca pensei muito nisso, mas... sim, são tempos diferentes, a única coisa que eu posso, que é o que vejo os meus colegas fazerem é, se não tiver uma avó ou um avô por perto que fique a tomar conta dele enquanto for trabalhar tem que ir logo cedo p’ra uma creche ou um infantário e... não me assusta porque também vejo a realidade dos outros, que vai ser essa, logo no infantário e tentar que ele vá fazendo algumas coisas cedo também acho que isso será importante, também não será fácil, não é? Porque se imaginar que eu com 6 anos já acendia um fósforo. Nós éramos cozinheiras, ela era

cozinheira à distância, que nós púnhamos, “põe a panela ao lume, agora põe não sei quê”, nós púnhamos “agora já podes apagar”, nós apagávamos, dava ordens mesmo sem ver o fogão. Mas começamos a fazer... eu tinha que por um banco p’ra chegar e ver a panela, não é? Eu não consigo imaginar uma criança hoje com 6 anos a tentar acender um fósforo, sei que vai queimar os dedos, como eu queimei muitas vezes os meus. Acho que nesse aspeto é diferente e custa-nos mais, a nós agora, deixar uma criança começar tão cedo a fazer esse tipo de tarefas chamadas perigosas, não é? Acender o fogão, ou pegar numa faca p’ra descascar batatas ou o que for, é um bocadinho assustador pensar, que eles tão pequeninos vão fazer isso.”

As mulheres no início do século XXI

Quem são estas netas?

Nascidas entre 1980 e 2001 (faixa etária entre 34 e 12 anos)

A escolaridade das netas desta faixa etária varia entre o ensino secundário – seis têm o 12º ano – e o ensino superior – quatro têm licenciaturas e três pós-graduações ou mestrados –, sendo que só três completaram apenas o 4ºano, 6º ano e 9º ano de escolaridade, devido à sua tenra idade, pois onze netas ainda são estudantes. Duas netas encontram-se desempregadas – uma educadora de infância e outra professora – uma é auxiliar de ação educativa, outra é operadora de hipermercado e uma é psicóloga. A maior parte das netas é solteira – treze jovens – sendo que apenas duas são casadas e uma vive em união de facto.

Os estereótipos e a educação

A autonomia e independência da mulher numa crescente escolarização...

A valorização da autonomia, independência e da auto-realização proporcionada pela coeducação e partilha das responsabilidades sociais permitiu às mulheres a assunção, sem grandes conflitos, de traços e características de assertividade essenciais para o sucesso académico próprio da crescente escolarização:

“Eu digo por mim que se calhar já era um bocado mais crescida, com os meus pais a trabalhar e por questões de trabalho eu tive que ir para Viana logo para o jardim e para a escola e eu saía de casa às 7 da manhã, todos os dias para Viana e chegava às 8, 9 da noite. A minha mãe nunca foi aquela pessoa que ao contrário nunca me viu os trabalhos

de casa, a minha mãe nunca me levou à escola. Levava-me de manhã, deixava-me à porta muitas vezes às 7.30 e às 8 menos 20 chegava a empregada e ficava com a empregada e ela ia embora para o trabalho. Depois eu saía da escola ou ia uma vizinha buscar-me do trabalho dela, ou ia o meu irmão me buscar e ia para o trabalho dela e ficávamos ali até às 8, 9 da noite... Sempre nos inculiu a responsabilidade de se tu queres ser alguém tens que estudar, se não queres ter a vida que eu tenho sair de casa às 7 e entrar às 8 tens que estudar, tens que ser alguém, por isso luta por isso. Sempre nos deu essa responsabilidade, se queres ter boas notas tens que estudar, tens que fazer pela vida. Eu chegava da escola, fazia os trabalhos da escola e ia para a rua brincar com as minhas amigas cá fora, na rua. Comia-se às 9, 7, não tinha horários, era assim.”

“Eu completei o secundário, depois não quis estudar mais, não que não tivesse oportunidade para isso, os meus pais deram-me essa oportunidade, mas eu não quis e entrei no mercado de trabalho. Tinha 20 anos, fazia 20 anos na altura.”

“Acabando o 12º ano, tive que tratar dos papéis para entrar aqui na universidade [...] Eu tinha que ir para Viana sempre e eu não tinha a carta de condução, então tinha que andar nos autocarros e era um bocado complicado porque apareciam de hora em hora.”

“Estou a estudar neste momento em Vila Real, 3º ano da licenciatura ciência alimentar, vamos e vimos de carro, facilita mais a viagem, não temos aqueles horários obrigatórios, chegamos mais rápido e depois também é verdade ter carro na universidade é luxo, podemos dizer que sim, mas é bom. Não temos que andar com malas, não temos que andar a correr atrás dos transportes, não temos que ir a pé, sozinhas p’ra casa de noite.”

“Nós aos 17, 18 anos já estamos fora de casa, já é quase uma vida não é? Temos que aprender a cozinhar, a passar a ferro, eu falo por mim. Eu cozinhar, não sabia nada. Podia fazer tudo, cozinhar dispenso. Hoje sei porque tive que me desenrascar, tive que aprender. Comer massa todos os dias não é lá muito bom.”

“Tenciono ir para o conservatório. Vou seguir música. Adoraria seguir música... embora, estar neste curso... este curso pode-me facilitar depois o meu futuro, como vou ter estágio e tudo... mas se eu tiver possibilidades para isso, vou tentar entrar no conservatório.”

“Mas há muita gente já da minha idade e se calhar mais novos que pensam em acabar o curso, casar, emigrar e o curso fica arrumado. Tiraram a licenciatura, por tirar, já não querem o mestrado, já não querem nada. Já não é a 1ª pessoa que eu ouço a falar disso, e eu fico perderam três, quatro anos de uma vida, a matar a cabeça, para depois ficar assim arrumado? Sim, hoje em dia já não vale a pena estudar, quero é casar e ir-me embora. Namoro, então dizem, eu vou casar e vou-me embora e o meu marido trabalha e se for preciso eu fico em casa. Há pessoas que pensam assim. É incrível.”

A autonomia das netas e as relações de namoro...

A autonomização das mulheres possibilitou a construção de novas regras relacionais, que se traduziram numa sexualidade mais íntima e mais igualitária na partilha afetiva

entre homens e mulheres. Porém, os novos relacionamentos têm-se mantido repletos de constrangimentos psicológicos, morais ou comportamentais, porque se mantêm ancorados nos mesmos estereótipos de gênero.

“Tinha p’raí 14 anos, 15, havia os rapazes mais velhos que já tinham carro, e então juntávamo-nos todos, já na altura, aqui na pastelaria ou aqui em frente, na junta, aí o que vamos fazer? Vamos sair. Os rapazes mais velhos já sabiam e as raparigas, íamos todos lá para dentro do carro, aos molhos assim às vezes seis dentro de um carro e vamos para Esposende para a discoteca à tarde, íamos assim, ou íamos para Caminha, ou íamos para Vigo, ou íamos para Viana, ou íamos para Ponte de Lima, percorríamos assim as terrinhas todas. Na altura das romarias, então é que se percorria as festinhas todas, e nesse tempo que se andava assim. Mas depois sair, para sair muitas vezes à noite tinha que arrumar a casa toda, lavar o terraço, e às vezes dobrar a roupa, tudo direitinho que era para a noite dizer “oh mãe, eu fiz tudo, portei-me bem!” para sair.”

“Ou porque são nossos colegas de escola, ou porque nos inserimos em algum grupo, ou no trabalho, na universidade... as relações acabam por se fazer, não é? Vai-se a uma festa de amigos e acaba-se por se conhecer alguém, conhecer-se o amigo do amigo... Acaba sempre por haver alguma ligação, haver sempre algum porquê de se ter conhecido aquela pessoa, nunca é por acaso.”

“Hoje em dia se repararmos a maior parte dos jovens ainda ‘tão a estudar. Casam aos 30 ou perto dos 30. Portanto o trabalho vem depois. Antigamente as mulheres queriam era independência, então vamos casar aos 18, 19. Eu acho que hoje em dia, por exemplo, nós temos amigas, colegas de escola que já ‘tão casadas. Porquê? Porque levaram rumos diferentes. Nós estudamos, vamos ter que casar mais tarde, vamos ter família mais tarde. As nossas colegas que estudaram até ao 9º, 12º, não interessa, acabaram por casar mais cedo. Eu tenho colegas de escola que já têm filhos. Por isso acho que depende um bocado do rumo que cada pessoa leva.”

“O casamento vem depois de se realizar profissionalmente, eu acho que isso também é importante... a pessoa tem que estar realizada em vários aspectos, não só no campo profissional, afetivo, mas também no campo profissional, uma pessoa tem que se sentir realizada profissionalmente, não é só ao nível da realização, também é monetariamente. Se alguém opta por casar, a não ser os pais que vão manter a filha e o companheiro da filha, se optam por casar, é porque já está estabilizado monetariamente.”

“Acho que não há uma regra, quer dizer... depende do tipo de relação que cada pessoa tem quer com os amigos quer com o próprio namorado. À partida, deve-se contar tudo. Mas vai depender da personalidade de cada pessoa. Os amigos são tão companheiros como um namorado. Mas são pessoas com quem nós nos damos tão bem, que se conversa, que se divertem na mesma, mas que são amigos. Não se faz coisas com namorado que se fazem com amigos. Para além de ser um amigo, é um namorado. Beijinhos, não temos problemas em dar. No meu caso foi, foi ele também que veio ter comigo. Acho que esse padrão... aliás, ainda se mantém.”

“Olho assim para essas meninas tão novinhas. Primeiro, não parecem ter a idade que têm, aparentam ser muito mais velhas. Já são mais atiradiças, por assim dizer, já não há tanto aquela coisa de que o rapaz é que vai atrás... são mais liberais, acho que os rapazes agora é que por vezes fogem delas porque já há mais mulheres. Uma pessoa entra na faculdade ou assim em qualquer... no meu caso, no meu curso, há 70% mulheres e 30% homens. Então, eles acabam por fugir.”

Os papéis sociais e a conciliação

As dificuldades profissionais num mundo globalizado...

A igualdade de direitos conquistados possibilitou a manutenção de uma intensa atividade profissional das netas, com acesso a formação profissional, num mercado de trabalho cada vez mais exigente, flexível, precário e competitivo:

“Entretanto, ... abriram os concursos e eu candidatei-me, nunca pensei que conseguisse entrar, o concurso saiu, eu candidatei-me e consegui vaga. [...] Andei a contrato durante 3 anos. Entretanto, a gente só partir dos três anos é que consegue entrar no quadro. Depois na altura, eu não tinha formação nenhuma na área, tive que me dedicar a fazer muita formação pós-laboral. Porque há uns anos havia formação em horário laboral, mas agora, ultimamente não, é tudo pós-laboral...”

“Eu sou operadora, reponho nas prateleiras, tenho uns horários muito estranhos, pego meia-noite, saio às 9 da manhã. Pego às 5 da manhã, saio às 2 da tarde. Pego às 10 da manhã, saio às 7 da noite. Pego às 6.30 da manhã, largo às 3.30 da tarde. Quando não calha de ir fazer tardes. Um bocadinho de tudo, mas pronto, temos que nos sujeitar... vou várias vezes também a Gaia, são formações que temos externas. Mas não podemos estar... temos transporte, que a empresa nos dá. Vamos de manhã, 7.30, 8h, que a formação começa às 9, até às 6 da tarde, mas é sempre dentro do horário de trabalho [...] Eles, neste momento, não estão a admitir ninguém. Nós temos que fazer de tudo. [...] Temos que ser polivalentes. Eu sou sincera, eu para as caixas não consigo. É preciso ter uma pequena formação... com dinheiro, fazer certas coisas. Mas já fui para a padaria embalar pão, já fui para a zona dos frescos limpar câmaras e tudo, quando eles têm lá a higiene e segurança no trabalho. E tenho ido para vários lados e gosto, eu já disse nós estamos lá é para trabalhar.”

“Há coisas que procuro não discutir com ela porque ela não percebe, não percebe, ela não sabe o que é procurar um trabalho, não sabe o que é lutar mensalmente para atingir objetivos para não ir para a rua porque não está no quadro... há aqui questões, eu ainda no outro dia falava com uma professora, que está... portanto, está no quadro há não sei quantos mil anos, não é? E portanto para ela era uma coisa terrível sair da escola às 6 da tarde, e digo eu, “Valha-me Deus, qual é o problema?” “Ai porque nós não estamos

habitados e agora, vê lá, que eu posso ficar no quadro mobilidade e patatá... e eu todos os meses tenho de atingir objetivos para não ir para a rua no mês seguinte porque nunca estive, nunca fui do quadro, tinha contratos a termo. Portanto, há determinadas questões e é isso que eu acho, há determinado grupo que sempre, ou que nos últimos anos foi muito beneficiado em muitas áreas que não sabe o que é lidar com isto..."

As dificuldades de conciliação entre esferas de vida...

A ligação dos estereótipos femininos aos papéis sociais de género impossibilitou que as netas se conseguissem libertar da sobrecarga da dupla tarefa dos cuidados familiares. Apesar da partilha das tarefas domésticas e parentais, a conciliação entre esferas de vida continuou a ser feita maioritariamente pelas netas, com o apoio de vários membros da família, incluindo os seus companheiros ou maridos:

"A minha madrinha também trabalha, pega às 7 sai às 11.30, ao meio-dia o meu padrinho vem para almoçar, já tem que ter o almoço feito, depois ela também de tarde faz umas horas..., depois às 6 da tarde já tem que pegar outra vez, sai às 8 da noite, e é isto. Mas pronto, a minha tia vai fazendo as coisas e eu ajudo. Passar a ferro, pôr a máquina a lavar, arrumo a casa quando estou em casa, as minhas folgas são sempre rotativas também."

"Fui trabalhar para uma clínica, tive lá durante 6 anos. Entretanto, estava casada, nasceu a minha filha... o problema de eu deixar aquilo entretanto, depois eu acabei por me demitir, não dava, porque o horário de trabalho [...] e eu tinha hora de entrada e não tinha hora de saída. Quando eram 10h, 11h da noite ainda lá estava. O que vale é que a minha filha fica com uma minha tia, e ela era bebé, eram 10, 11h da noite ainda eu vinha, já ela estava a dormir, muitas vezes ficava lá de noite, e eu não a chegava a ver. O pai também trabalha fora, a bem dizer, ela nem estava com a mãe, nem estava com o pai [...] porque eu recebia o ordenado mínimo, nada mais. Mas quem precisa acaba por sujeitar-se mais um bocado, não é? Entretanto cheguei a um ponto que disse não, isto não é vida. E vim-me embora, tinha perspetiva de arranjar trabalho logo assim fácil, mas não foi fácil..."

"Tenho os meus tios que, por exemplo, vou para a escola, a minha filha fica no centro paroquial, vem no transporte para a escola. Está na escola durante o dia, tem dias que é o tio que a vem buscar, por causa dos horários, não tem transporte para ir para casa, e tem outros dias que vai no transporte para a casa da tia até eu chegar. Nos dias que ela tem academia, na semana que eu saio às 4 da tarde, nós temos semanas rotativas, eu tenho uma semana que entro às 8 e saio às 4 e tenho outra semana que entro às 10 e só largo às 6. Na semana que eu saio às 4, sou eu que a levo para a academia. Na semana que eu saio às 6 é o meu tio que vai com ela. Se eu não tivesse este apoio também não conseguia-lhe dar..."

"Eu acho que o facto de se casar mais tarde, também proporciona que os homens acabem por ajudar mais nas tarefas domésticas. Porque à partida já tiveram que viver mais sem a mãe ou sem o pai e agora eles que tratem. Dantes os pais faziam por eles, havia sempre

ali alguém... não é? Sendo rapaz pior... Estavam à espera que a mãe ou a irmã fizessem, e atualmente já não é bem assim, porque já não vão à casa dos pais e certamente têm que se virar sozinhos. E então, acabam pelo menos por já fazer alguma coisa."

"Eu acho que hoje em dia há uma partilha... eu chego primeiro faço tudo. E também hoje em dia as pessoas têm uma mentalidade diferente. Antigamente as mulheres, os maridos não faziam nada, mas elas também não diziam, "não faz nada, eu também não vou fazer nada". Faziam p'ros maridos! Hoje em dia isso não acontece. Tu não fazes, eu também não vou fazer para ti."

Conclusão

Ao problematizar-se as particularidades das histórias de vida, encontraram-se formas de pensar e agir comuns: os estereótipos e papéis de género dominantes, que podem manter o *status quo* e impossibilitar a emergência de formas mais críticas de pensar e agir, podendo pôr em causa o empoderamento das mulheres.

Todas estas mulheres pautaram o seu percurso por uma agência ou agentividade comportamental, associada ao estereótipo masculino, mas bastante comum nas mulheres rurais portuguesas. Maria Lamas no livro *As Mulheres do meu País*, publicado em 1950, testemunhava bem a atividade profissional das mulheres de setores sociais mais desfavorecidos: elas estavam na agricultura, no pequeno comércio, na indústria têxtil, na indústria conserveira, no setor corticeiro, na seca do bacalhau, nas salinas, na venda do peixe, nos bordados, nas casas senhoriais ou de famílias ricas, nos escolas, nos hospitais, mas quase sempre em simultâneo executavam o trabalho doméstico e o cuidado das crianças, em casa, com o apoio de familiares. Contudo, a ideologia da domesticidade constituía o pano de fundo da vida de todas elas, com impacto na forma de pensar e de estar, não as deixando assumir-se como *sujeito ativo* ou *atora social*, subjugando-as à ordem social patriarcal.

Com os anos 60, surge a emigração em massa de jovens casais ou de famílias completas em busca de emprego, essencialmente para a França e para a Alemanha, contrariamente à anterior emigração clandestina. Estes foram os anos também das revoluções sociais e comportamentais que instituíram a liberdade de escolha em todos os campos: da profissão, ao amor e à sexualidade. Em Portugal, ela chegou com o 25 de Abril de 1974, que institucionalizou a igualdade entre homens e mulheres, criando novas lógicas relacionais e possibilitando a gradual escolarização de toda a população, incluindo as mulheres, traduzindo-se em novas práticas profissionais, novos empregos. Porém, o ingresso normativo das mulheres no mundo profissional daí advindo não se traduziu em alterações significativas nas práticas familiares. Apesar de atualmente haver maior expectativa para os homens cuidarem das crianças, a so-

cidade em geral ainda não os encoraja nem os prepara para dar prioridade ao seu papel parental.

Como resultado, nas freguesias rurais de Viana do Castelo, os estereótipos e papéis de género ainda condicionam uma maior participação das mulheres nas tarefas domésticas e parentais, uma vez que as mulheres continuam a organizar mais facilmente as suas prioridades para virem ao encontro das exigências de tempo provenientes da família, enquanto os homens tendem a privilegiar as exigências de tempo provenientes do trabalho. Logo, os papéis sociais da maternidade e domesticidade acabam por constituir um obstáculo significativo a uma negociação entre homens e mulheres que permita a construção de um contrato social de género mais igualitário na região, mantendo assim as condições sociais e simbólicas que reproduzem a assimetria entre homens e mulheres na família e no mercado de trabalho.

Nas condições atuais de precaridade e flexibilização do emprego, esta situação ou posição social das mulheres não permite uma gestão da vida profissional que as proteja do desemprego, podendo contribuir para a feminização da pobreza, tornando ainda mais premente uma consciencialização para a mudança. Há a salientar que todas estas mulheres mostraram uma capacidade e vontade imensa de conhecimento, com níveis de escolarização elevados para a sua época. Desta forma, fica o desejo que a partilha destas histórias de vida possa transformar o carácter subversivo das memórias em possibilidades de ação para a mudança, contribuindo para a construção de trajetórias emancipatórias para as mulheres.